

CARLOS DOUGLAS MARTINS PINHEIRO FILHO (ORG)



Revi **AVOLTA**  
Antologia Poética



# **Reviravolta - Antologia Poética**

Carlos Douglas Martins Pinheiro Filho (org.)

CONSELHO EDITORIAL



Bianca Salles Pires  
Bárbara Rolim  
Camila Faria Paçardes  
Carlos Douglas Martins Pinheiro Filho  
Claudia Nascimento  
Daniel Luiz Arrebola  
Daniel Maribondo Barboza  
Felipe Moura Fernandes  
Guilherme Marcondes dos Santos  
Hully Guedes Falcão  
Isabel Veloso de Oliveira  
Iago Menezes de Souza  
Karoline Ruthes Sodré  
Juliana Lencina  
Luana Reis Andrade  
Luci Faria Pinheiro  
Maria Thereza Cândido G. de Menezes  
Marcelo Gomes  
Márcio Malta (Nico)  
Rodrigo Ribeiro  
Railson Barboza  
Rosângela Gonzaga de Almeida  
Sabrina Parracho Santana

**CARLOS DOUGLAS MARTINS PINHEIRO FILHO (ORG)**



**Revi**  **AVOLTA**  
**Antologia Poética**





Atribuição-Não Comercial-Sem Derivações 2.0 Genérica (CC BY-NC-ND 2.0)

**Você tem o direito de:**

**Compartilhar** — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato

**De acordo com os termos seguintes:**

**Atribuição** — Você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de nenhuma maneira que sugira que o licenciante apoia você ou o seu uso.

**Não Comercial** — Você não pode usar o material para fins comerciais.

**Sem Derivações** — Se você remixar, transformar ou criar a partir do material, você não pode distribuir o material modificado.

## EDITAL REVIRAVOLTA

### Editora-chefe

Leila Maribondo Barboza

### Produção Editorial

Carlos Douglas Martins

Pinheiro Filho

### Capa e ilustrações

Iago Menezes

R454

Reviravolta: Antologia poética / Carlos Douglas Martins Pinheiro Filho (Org.). - Niterói : Editora Uaná ; Niterói : Editora Menó, 2023. 51 p. ISBN: 978-65-999634-2-1

E-Book

Disponível em: <https://www.editorauana.com.br//livrosuana>

1 - Poesia brasileira. I. Pinheiro Filho, Carlos Douglas Martins (org.).

CDD B869.1

Ficha catalográfica elaborada por Elenice Gloria Martins Pinheiro -  
CRB7|5338

O edital **REVIRAVOLTA** é produto de uma parceria entre a **Editora Uaná** ® e a **Editora Menó** ®, constituindo um trabalho conjunto envolvendo as equipes das duas editoras na produção desse livro.

## Prefácio

A poética, dentre tantas outras possíveis interpretações, indica a capacidade do espírito humano de criar, com base na imaginação, nos sentimentos e no desejo, a realidade do próprio sonho.

A poesia não prevê, antevê ou antecipa fatos da realidade, ela os cria, antes mesmo que esses seja possível de se materializarem. Poética é *poiesis*, ação criadora, realização, transformação, trabalho.

O poeta desvela as possibilidades do mundo, pois a poesia é a arte lírica de expor a plenitude do potencial humano por intermédio das palavras, oferecendo um vislumbre de tudo aquilo que pode ser, que será ou não, mas que é potencialmente. Poesia, cultura e arte, são resistência frente a brutalidade do real, são formas de sobrevivência do humano pela virtude e beleza.

O livro **Reviravolta – Antologia Poética** está imbuído desse espírito de resistência e transformação, pois foi concebido como um instrumento de luta simbólica contra o autoritarismo, fanatismo, preconceito, racismo e ódio de classe. Além do combate cotidiano por

um mundo melhor é necessário construir e povoar de novas ideias esse mundo que queremos construir.

O volume se propõe a isso: ser um espaço onde a mudança se desvela, um vislumbre da mudança social que o Brasil precisa. Um espaço para construir-sonhar um Brasil sem fome, sem desigualdade social, sem exploração, sem racismo, sem machismo, sem homofobia ou qualquer forma de discriminação e preconceito.

Nosso propósito é reunir todos esses criadores-sonhadores que querem construir com a ação poética essa mudança. Lutamos, muito conquistamos, fomos derrotados pelas forças reacionárias, nossas conquistas foram ameaçadas, mas é chegada a hora da REVIRAVOLTA!

*Niterói, 13 de março de 2023*  
*Carlos Douglas Martins Pinheiro Filho*

**KEYS RA**

**VO TA**



## Sumário:

<b>Aspas de “democracia”</b> .....	12
<i>Arthur de Aquino Pontual</i>	
<b>Como pode meu Brasil?</b> .....	14
<i>William Couto</i>	
<b>O homem mata – “lamento” – mata homem</b> .....	15
<i>Nankupé Tupinambá Fulkaxó</i>	
<b>Resistência luzente</b> .....	17
<i>Maria José de Melo</i>	
<b>História da humanidade</b> .....	19
<i>Felipe Moura Fernandes</i>	
<b>Sobrevivência</b> .....	20
<i>Antônio Francisco da Gama Dias (Jandiro)</i>	
<b>Manchete nº13</b> .....	21
<i>Álvaro Kitro</i>	
<b>Carta de uma mãe à sua filha não nascida</b> .....	22
<i>Cecília Calheiros</i>	
<b>A mulher da bacia</b> .....	24
<i>Daiana Soares de Oliveira</i>	
<b>Elemento</b> .....	26
<i>Daniela Campos Libório (Manys)</i>	
<b>A gente troca</b> .....	28
<i>Arthur Alves Barbosa Jr. (Engenheiro de Letras)</i>	

<b>Trem da esperança</b> .....	30
<i>Eduardo Sérgio Santiago de Queiroz</i>	
<b>Motim</b> .....	32
<i>Felipe Alves da Silva</i>	
<b>O começo era leitura labial</b> .....	33
<i>Christopher Rive St Vil</i>	
<b>O Corvo</b> .....	35
<i>Iago Menezes de Souza (Pivete)</i>	
<b>apesar de</b> .....	37
<i>Ingrid Yasmine Manente</i>	
<b>Causa e efeito</b> .....	39
<i>João Pedra Verde</i>	
<b>Em revolução</b> .....	42
<i>Karoline Alves Brito</i>	
<b>Azul Celeste</b> .....	43
<i>Luiza Cantanhede</i>	
<b>Sobrevivendo ao final</b> .....	45
<i>Marcelo Sophos</i>	
<b>Tempestade</b> .....	46
<i>Carlos Douglas</i>	

## Aspas de “democracia”

*Arthur de Aquino Pontual*

É tempo de recorrer ao passado, ao evento  
de escutar a história e cumprir sua profecia  
“E nada como um tempo após o contratempo...”  
diz sorrindo de canto de boca uma frágil  
democracia.

“Você vai na marra, ela um dia volta”  
premiado com a derrota, já nem mais te vi por aqui  
o vento muda de lado, eis a reviravolta  
“que medo você tem de nós, olha aí”

Quantas vezes com os olhos rasos d’água repeti  
que “quando chegar o momento, esse meu  
sofrimento vou cobrar com juros”  
as “cruzes sem nomes, sem corpos, sem datas” por  
quem sofreu  
deram a vida em lutas tão legítimas, com corações  
tão puros

“Mas sei (ah, eu sei) que uma dor assim pungente  
não há de ser inutilmente”  
“há quem diga que eu dormi de touca, que eu perdi  
a boca, que eu fugi da briga”  
nenhuma surpresa o “de bem” ser de fato o  
terrorista, agitando tanta gente  
e ser ele próprio o rastilho da minha reação, há tanto  
tempo na instiga

Chegou o dia da caça, e “quem espera nunca alcança”

“quem sabe faz a hora, não espera acontecer”  
que seja assim: sem anistia, sem fiança  
que ninguém seja obrigado a usar somente as  
“palavras que ainda te deixam dizer”

O tempo e suas reviravoltas... quem teve “um pesadelo agora?”

quantas diferenças deixadas de lado em prol da  
minha união...

ironicamente, para resolver passado e futuro afora  
“chame o ladrão, chame o ladrão, chame o ladrão!”

## Como pode meu Brasil?

*William Couto*

Como pode meu Brasil  
País tão cheio de gente  
Ter tanto povo carente?  
Sofrimento a mais de mil

Um país desse tão rico  
Nós devia tá sorrino  
Brincano, se divertino  
Só que tamo nesse bico

Política que era água  
Do nosso povo beber  
Agora virou petróleo  
Tá faltando até o óleo  
Pra fazer o que comer

## O homem mata – “lamento” – mata homem

*Nankupé Tupinambá Fulkaxó*

O homem mata, mata, mata tudo...

Mata o mato, mata a floresta, mata o bicho e mata o homem, mata, mata tudo, mata o Rio, mata a terra, mata o vento e a ventania, mata, mata, mata tudo, mata tanto que até se mata...

O homem mata, mata tudo, mata sim, mata gente, mata bicho, mata árvore, mata tudo, mata o outro e até se mata, mata sim, mata tudo...

Que homem é esse?

Mata homem, mata planta, mata bicho, mata a vida, mata terra, mata o que anda, o que rasteja, o que voa, mata o que nada, mata o que te alimenta, mata, mata, mata, tudo...

Mata sim!

Quem sou eu?

Quem é você?

Mata a árvore, mata o mato, mata a floresta, mata o capim, a folha, a aroeira, mata remédio, mata o que te cura, mata, mata, mata tudo...

Mata sim!

Mata a mim. Mata você.

Mata o rio, o córrego e o riacho, mata o mar, o coral, o peixe e o oceano, mata a

água, mata o poço, a fonte e a nascente, mata, mata  
a fonte da vida, mata o que  
mata sua sede, mata, mata, mata tudo...

Mata sim!

Matador

Mata gente, mata bicho, mata pai, mata mãe, mata  
filho, mata irmão, mata homem,  
mata mulher, mata velho e criança. Mata amigo e  
inimigo, mata, mata, mata, mata  
tudo...

Mata sim!

E segue matando

Por quê?

Mata até o ar, mata o vento, o sopro, á brisa e a  
ventania, mata o que respira,  
mata o que te mantém vivo, mata, mata, mata tudo...

Mata sim!

Mata eu

Mata você

Mata sentimento, mata amizade, mata respeito,  
mata pureza, mata amor, mata,  
mata, mata tudo...

Mata sim!

Se mata

E não satisfeito, quando nada há mais para matar,  
mata a si mesmo, se mata,  
mata, mata, mata tudo...

**MATA SIM, SE MATA**

Vamos pra vida?

# Resistência luzente

*Maria José de Melo*

Na luta pela vida  
Ô, mulher, você jogou água  
Fervente no seu amor  
Isso aconteceu quando acabou o amor

O roxo no teu braço, olho e peito  
É de um punho bruto do teu “amor”  
E pela tua vida, tu resolveste  
Jogar água fervendo no teu amor

Quando você levantar a mão pra uma mulher  
Covarde você é, homem!  
Você irá se arrepender  
No seu amargor e no vazio que não de lhe consumir

Quando levantar a mão pra uma mulher  
Homem, covarde você é!  
Saiba: irá se arrepender  
No amargor e no vazio que não de lhe consumir

A mulher, aquela que é o seu amor,  
Agora fala com exuberância  
Ela não é puta nem santa  
Agora, ela se chama Resistência

No seu leito protetor, ela se cuida

No alvorecer, é vanguardista

No anoitecer, vigília  
Aquele ninguém agora se chama resistência

A fúria vanguardista é alvorada  
Resistência Luzente  
Como brilho do sol faina  
No combate, se fez forte caminhando

É direção com ternura e classe  
É mulher na certeza  
De ser uma lutadora sempre  
A luta se faz em terra fértil

Ela chora, grita e canta!  
Pelo recomeço de uma vida vivida  
Sem otário, sem muro e sem opressão!  
Quando a mulher levanta, a luta triunfa!

Viva às mulheres!  
Viva, viva e viva!

# História da humanidade

*Felipe Moura Fernandes*

Na minha história da humanidade  
Ou na história da humanidade  
Na qual a minha singularidade  
Se inseri

Não havia percebido  
Com tamanha intensidade  
A relação entre gozo e dor

Alguém lucra com o prazer  
Alguém paga pelo gozo

Alguém oferece o “veneno”  
Alguém oferece o “antídoto”  
Alguém oferece o “limite”  
Alguém oferece o “saber”  
Lidar com os limites

Houve um tempo onde  
Comer pipoca era só  
Comer pipoca, sem a  
Cobertura de triglicérides  
Do mercado da saúde

Há uma dignidade  
em morrer em paz

## Sobrevivência

*Antônio Francisco da Gama Dias (Jandiro)*

quando se é pobre, naturalmente, não sobra tanto tempo para sofrer pelos traumas —

às vezes surge alguma crise sobre isto ou aquilo e sofremos no vazio por entre os momentos do dia. é tudo muito veloz — e voltamos a correria.

a sobrevivência obriga-nos a trabalhar em tempo integral, entopem-nos com cronogramas, uns matam-se, outros deixam-se matar por outrem e por aí vai.

as noites costumam ser perigosas e assustadoras: o peso do tempo cai sobre as costas, uma sensação de injustiça nasce (de algum modo, sempre pensamos que merecemos mais), os pensamentos vibram fervorosamente, as emoções ricocheteiam e a vida não faz sentido.

a manhã mal chega e lembro da noite mal dormida. “a vida”, digo, “tomou rumos bastante indesejáveis e agressivos”.

## Manchete nº13

*Álvaro Kitro*

Estou no estado puro de paz  
Onde os influenciadores não têm formação  
É uma calmaria que me traz  
Saber que posso ser apedrejado pela multidão  
É estranho continuar neste estado  
Onde o cidadão de bem sonha em andar armado  
E os artistas devem permanecer calado  
Talvez seja outra palavra pra censurado  
O diploma da saúde vale 2,99 na feira  
A formação de administração pede 40 anos de  
carreira  
As mulheres boas são apenas freira  
Que deus perdoe minha postura feia  
Poderia jurar captado a personificação do amor  
Não pode haver paz se depender do corretor  
Era fake news quando debochou de minha dor  
Era fake news quando xingou o influenciador  
Época de campanha, vamos limpar toda essa lama  
Esqueçam as misoginias, as ofensas, e meus ditos  
Propaguem meu nome para eu ter fama  
Pois hoje no planeta diário a manchete é mito.

# Carta de uma mãe à sua filha não nascida

*Cecília Calheiros*

Carta de uma mãe à sua filha não nascida

Ai inocente menina,

a quem chamam de mulher.

Queria poder te pegar no colo

Escondê-la do mundo

que apenas nos faz sofrer...

Não temos vez pequenina,

o corpo é nosso, até não ser

temos direitos, até não ter

corremos, até não poder

existimos, até... até que eles decidam,

quando, como e onde iremos morrer

Somos sempre a caça,

Jamais o caçador...

Não tenho rima, minha menina

Sei apenas que ainda não nasceu

E eu, mãe-mulher, também um dia menina

forçada a crescer

Já me preocupo tanto, mais tanto

com você...

Queria te guardar para sempre,

Bem longe dos olhos do mundo

Lobo faminto, lobo homem, lobo mal...

Queria te manter comigo,

Mas minha querida, infelizmente sei,

que nós mulheres, estaremos sempre

a viver num temporal...  
Um pesadelo de incertezas,  
E minha menina, eles sempre hão de nos culpar...  
A gente existe, e assim,  
já estamos a lutar...  
Ser mulher é sofrer de tantos males,  
É ter amor demais para dar  
É dizer mais sim, do que não  
É calar mais do que falar  
É se doar, até doer  
É se encontrar depois de muito se perder

Ah minha menina! Já me preocupo tanto com  
você...

## A mulher da bacia

*Daiana Soares de Oliveira*

Ah! Aquela mulher!  
Era sim parte do seu ofício ordeiro  
Com uma bacia gigante  
Se sacrificar como cordeiro  
Carregava na cabeça o sustento da casa  
Como também os boletos já vencidos  
Mercadorias variadas ali existiam  
Pois na luta diária persistia  
Nas ladeiras soteropolitanas subia e descia  
Com toda agilidade, suando  
Hipertensão era só uma gangorra na dinâmica  
Vida saudável, longe sonho  
Dava boas dentadas no sanduíche de uma birosca  
da esquina  
Ai como doía à barriga!  
A vontade de chorar muitas vezes ali fez moradia  
Mas recolhia as lágrimas  
Que quase escorria  
Num olhar espelhado castanho claro  
Teu pranto era caro  
O choro retornava e descia para o nariz  
provocando espirros  
Suava, brigava com ladrão  
Vivia como leão  
Leoa da selva urbana  
Tua cria chorava no colo da vizinha  
Que pena não tinha  
De cobrar mais um aluguel que vencia

Solo maternidade  
Que nem direito ao solo tinha  
Cair morta era a possibilidade mais próxima  
No meio dessa vida escabrosa  
De ainda ter ânimo para ver o pôr do sol  
Na varanda do Cine Glauber Rocha  
Quase escorraçada no meio daquela gente  
De nariz empinado, comendo em bons pratos  
Faziam questão de posar os olhares nos dela  
Declarando guerra  
Aqui não é seu lugar  
Filha de uma favela!  
Mas no coração dela  
Inocência residia e nada lhe bulia  
Nem mesmo a bruta covardia  
Dessa gente esguia que de nada era fina  
Fino olhar da mulher que com sua bacia no pé  
Via o cair da tarde  
E sem cerimônia voltava para casa  
Sem trocado para bolacha  
Muito menos pão  
De tanta luta do dia  
Eis aqui mais um dia  
De muita barriga vazia!

# Elemento

## *Manys*

Bermudas estampadas  
Boné virado para trás  
Corpos magros, cabelos quase raspados  
Olhares inquietos, não descansam jamais.

Viram a cabeça ao menor barulho  
Se sozinhos, andam com rapidez  
Podem ser tiros, sirenes alertando  
Que são eles os alvos da vez.

Quando juntos, soltam fumaça  
Viram um gole da branca ou da gelada,  
Um sorriso de canto pela lembrança da farra  
Que, cada vez, fica mais rara.

A casa, que não é lar,  
abriga vários.  
Ora uns, ora outros,  
para dormir, jamais sonhar.

Cada dia segue seu rumo  
Sem direção ou fim.  
É o trampo da vez,  
Que prolonga essa torpez.

De longe, assistem o sucesso,  
Planos e risadas no ar.  
Assim, pulam muros, pegam carros,

Um instante para gozar.

Ciclos que se interrompem  
Com barras de ferro ou bíblias  
Isso quando há tempo,  
Antes de se eternizarem no relento.

Ao seu lado estarão  
Muitos igual a si.  
Irmãos de mãe, de cor e lugar.  
Reconhecerão que viverão como nasceram,  
Sem contar.

# A gente troca

*Arthur Alves Barbosa Jr. (Engenheiro de Letras)*

A gente troca de amor,  
porque já não gosta  
a gente troca de amigos,  
porque são idiotas  
a gente troca de série,  
porque tá uma bosta  
a gente troca de curso  
por causa da rota.

A gente troca de canal,  
porque se acomoda  
a gente troca de ídolos  
por quem tá na moda  
a gente troca de sonhos,  
porque não acorda  
a gente troca de vida,  
porque tava foda.

A gente troca de roupa,  
porque não tá nova  
a gente troca de música,  
porque já não toca  
a gente troca de livros  
pra não jogar fora  
a gente troca de versos  
pra ter uma prosa.

A gente troca de rimas,  
porque ninguém nota  
a gente troca de lado,  
porque era derrota  
a gente troca de raça,  
por causa da cota  
a gente troca de gente  
por quem se importa.

A gente se acostumou a trocar de tudo,  
por achar que tudo  
nunca se esgota.

## Trem da esperança

*Eduardo Sérgio Santiago de Queiroz*

Clio mãe sábia nos ensina  
Caprichos e vaidades  
A narcisos iluminam  
Entre nós são como hienas  
Esgarçando o povo em fibras  
Fingem não saber da vida

Ajuricaba deu o grito  
O disco arranhou de vez  
“Onde está o Amarildo?”  
Onze, três, quatro, três  
Barra zero seis  
Colé democracia?  
Há um negreiro no xadrez!

Seja morro ou favela  
Vão fazer seu carnaval  
Orgulhosos enobrecem  
A folia sem igual  
E Das Neves vai aos prantos  
Tudo é muito surreal

Onde, como e por quê?  
O alvo é preto pode crer  
A festa só anestesia  
O banditismo do poder  
Há um sistema carcomido  
Tá escrito em seu nascer

E não faltam lideranças  
A sonhar ser os mais iguais  
Eufemizando assassinos  
Os vampiros se atraem  
Suas palavras soam vermes  
Minha gente ainda cai

Privilégios insonháveis  
Nas botas coloniais  
Marca dos três poderes  
Sereia dos serviçais  
Da senzala à casa-grande  
Causam náusea aos ancestrais

É o racismo brasileiro  
E há quem diga estrutural  
Canto que ingenuamente  
Não vê a infrarreal  
Tem até apadrinhamento  
O genocídio é natural

Há uma luz no fim do túnel  
É o trem que vem do gueto  
Rejeitando esse sistema  
E sua gente de floreios  
Mestres e mestras em leotria  
Adestradores de anseios

# Motim

*Felipe Alves da Silva*

Desculpa mãe  
Por não ter sido um exemplo de filho  
Desculpa pai  
Por ter seguido o meu próprio sacrifício  
A moralidade não me encanta  
A burguesia me dá ânsia  
Sou mais um na multidão  
Um camponês na servidão  
O proletário

Apenas um em um milhão  
Escolhi o lado dos oprimidos  
Dos pobres, marginalizados e perseguidos  
Estou mais próximo de um faminto  
Do que de um milionário que lucra em um cassino  
Eu sei que não era isso que queria pra mim  
Mas eu precisava ser assim  
Injustiças por todo lado  
Como ter paz nesta loucura  
Em cada esquina uma tortura  
E eu só consigo imaginar  
Quando terá fim  
A dor de todos que não viram um motim...

## O começo era leitura labial

*Christopher Rive St Vil*

A vida  
na América  
la-ti-na  
não é tão  
corriqueiro  
como se imagina.

O começo era a vivência  
fora da ilha das pérolas  
cravando sonhos  
para garantir a sobrevivência  
num momento de crise e de catástrofe.

O começo era a leitura labial  
embora eu não domine a língua  
eu me torno um alheio  
eu descubro o tambor da minha pele.

O começo era a procura  
de um trampo  
que nem tinha  
para os nativos.

O começo era encontro  
divergente, convergente  
com a nudez dos meus bolsos  
com o magma e os gases dos intestinos.

A vida  
na América  
la-ti-na  
é um ciclone  
que nos desestabiliza  
na escuridão da noite.

# O Corvo

*Iago Menezes de Souza (Pivete)*

Eu já fui um corvo  
preto e melancólico

triste com um mundo que insistia em não me aceitar  
voando em lugares que frequentemente tinha a  
companhia de meus  
iguais em cemitérios e jornais  
prisões e favelas  
me escondendo na escuridão  
que a margem me proporciona.

Eu já aceitei o seu beijo de ódio  
que minha alma era branca  
pobre demais para fazer faculdade  
preto demais para poetizar.

Eu já fui o vilão  
que você vê na televisão  
com ferro na mão e disposição  
mais um a enriquecer o Datena.

Eu sou vítima da sociedade  
uma sociedade covarde  
que muda a história  
e diz que o branco que me escravizou  
Tratou de me libertar.

Eu sou o mimimi diário  
do branco que acha errado  
a minha revolta.

Eu sou o Rafael Braga  
prisioneiro político  
de um sistema racista.

Eu sou a luta de Zumbi e Dandara  
pela liberdade de vidas pretas.

Eu continuo a voar  
nesse céu negro  
feliz em ser diferente de uma sociedade que não me  
aceita  
gente, essa que sequestra e escraviza  
só para satisfazer seus desejos.

## apesar de

*Ingrid Yasmine Manente*

a gente vive apesar de,  
apesar dos homens maus  
que nos governam,  
apesar da maldade,  
da fome,  
das crianças magricelas,  
dos homens que dormem  
na praça,  
apesar de.

a gente sobrevive  
às muitas dores  
que nos assolam.  
a gente ainda  
acorda de manhã,  
apesar das cicatrizes  
dos traumas de infância  
que nos tiram o sono.  
a gente ainda vê,

apesar de,  
nossos olhos cegados  
com gás lacrimogêneo  
a gente ouve,  
apesar de,  
o som ensurdecedor  
da sirene do cão do capital.  
a gente respira,  
apesar de

os nossos pulmões  
terem se enchido  
de fumaça dos incêndios  
dos museus.  
a gente ainda dança  
apesar de os homens  
nos gritarem para parar.  
a gente vive e resiste.  
uma flor rompeu o asfalto  
essa manhã.

## Causa e efeito

*João Pedra Verde*

Do branco da roupa de santo  
Retiro a minha coragem  
Se sou herdado um tanto  
Outro tanto é aventuraagem

Tive mãe e avó da Umbanda  
O avô, do Espiritismo  
Num berço que era cristão  
Não havia tamanho abismo

Hoje em dia quem vive de encanto  
Sofre o peso de quem discrimina  
Se for branco, sofre um tanto  
Se for preto, dobra a sina

Acendi uma vela pro santo  
No pé do sagrado cruzeiro  
Fui pedir pras almas santas  
Liberdade pra ir ao terreiro

No caminho, Exu era um  
Que me guarda de noite e de dia  
Pedi licença a Ogum  
Permissão para a travessia

Quando passo pelas estradas  
Sei que não me derrubarão  
Quando chego lá aonde eu vou

Minha força sutil, sentirão

Se hão de falar mal de mim  
Na miséria do murmúrio  
Será de fato e deveras  
A fofoca, que infortúnio!

Falem mal de minha fé  
Se assim isso lhes conforta  
A certeza sobre meu erro  
A justiça um dia lhes corta

Quem tem que negar a alguém  
Pra firmar a sua vontade  
Esquece que não é Deus  
Pra ser dono da verdade

Conquista a altura do ser  
Quem cresce e não faz cercear  
A liberdade de escolher  
Que Deus deu e sempre dará

Muçulmano, Presbiteriano  
Evangélico ou Hinduísta  
Pode mesmo quiçá ser pagão  
Judeu ou Zoroastrista

A fé e o caminho da vida  
Somente ao ser Ihe pertencem  
Não queiram ser vós o juiz  
Daquilo que tão pouco entendem

Aprendo que o amor é a lei  
Quando amo, comigo Deus vai  
Paciente sigo a repetir  
Respeitai, cidadão, respeitai!

Se o limite alguém transgredir  
Com pedra, bomba ou insulto  
Será possível dormir?  
Sentirá na pele o tumulto!

Quem mexe com vento guerreiro  
Sofrerá a justa reação  
Quem não tolera, que aguente  
Despertar de raio e trovão

Amai-vos, amados, amai-vos!  
E armai-vos com a flor da razão.  
A balança da cega senhora  
Retorna o efeito da ação

O machado que corta a maldade  
Executa a ordenação  
Quem humilde, respeita e cuida  
Não há de sofrer com a lição.

## Em revolução

*Karoline Alves Brito*

Em revolução  
Eu sou eu  
Mesmo que ainda não saiba  
Se vim de um caldeirão  
Ou da costela de Adão  
E mesmo que não sabia quem eu sou  
ou devo ser  
Ainda sou o emaranhado de perguntas  
E dúvidas  
Que só eu tenho sobre mim  
e que me fazem ser quem sou.  
Ainda que passada minha posse  
Para outro sobrenome  
Eu sou eu  
Essa junção de lágrimas e rugas  
Que se aprofundam  
Com o desespero e a alegria que tenho  
De ser eu  
E ainda que nada mais e tudo além de carne,  
sangue e memórias  
Eu sou eu  
É tudo o que eu sou  
É livre

# Azul Celeste

*Luiza Cantanhede*

Me escondi por muito tempo  
Porque o passado ainda faz parte de mim  
Antes não podia ser eu  
E agora, posso ser até demais  
Já que tenho uma falsa liberdade  
Que veio com muitas borboletas.  
Borboletas essas que ainda me ferem.  
Mulher, preta, pobre...  
Eu posso mesmo ser eu?  
Todo dia, me torturo sem perceber.  
A cada desistência  
É uma morte dolorosa  
O gay que não pode ser gay  
Travestis que morrem a cada esquina  
Seja no passado ou agora  
A dor não muda  
Podemos mesmo ser nós?  
Escrevo sobre tudo  
E às vezes sobre nada.  
Me obriguei a florescer  
E a não me importar com mal-entendidos.  
Não é minha função fazer pessoas entenderem ou  
apenas ficarem.  
Palavras explicam o inexplicável.  
Palavras te acordam ou te cegam mais ainda.  
Te dão prazer em viver  
Assim como te consome aos poucos.  
E foi pensando nisso que aprendi a brincar

Com minhas próprias armadilhas  
E a domar a loucura para livrar-me das correntes  
que me impediam de ser  
Somente minha.  
Minha prioridade agora,  
É mergulhar no meu próprio azul celeste  
Onde eu posso ser eu

## Sobrevivendo ao final

*Marcelo Sophos*

O sistema ruiu.  
Florestas queimadas,  
Mudanças climáticas.  
Migrações em massa,  
Para oásis de esperança.  
Nas cidades sem água,  
Onde as chuvas são ácidas,  
Nascem novos Homens,  
Filhos do câncer, da poluição vil.  
Deformados por microplásticos,  
Ainda no útero sagrado.  
Irmãos de Baratas e ratos,  
que também são devorados.  
Bem e mal são conceitos arcaicos.  
Apenas existe a sobrevivência final.  
Num mundo sem vida, onde os olhos queimam  
Olhando para as cinzas.

# Tempestade

*Carlos Douglas*

Uma repentina escuridão  
se sobrepõem ao dia,  
entre lampejos e nuvens escuras  
ao chegar às chuvas,  
as pessoas caminhando nas ruas  
pareciam pinturas,  
borradas, desfocadas e escuras,  
Como se estivessem todas  
vestidas em tons sombrios.  
Rapidamente chuva torna-se rio,  
calor vira frio.

Chega a opressão  
em forma de Quimera.  
O inverno tardio  
é como o autoritarismo opera.  
Com uma das cabeças  
te olha com olhar de rede social  
Com as outras  
te devora.

Teria dito a esfinge,  
mito-conceito do poder:  
"Decifra-me ou te devoro!"  
a ditadura não faz perguntas,  
muito menos adivinhas.  
Decifra-me  
e te devoro mesmo assim.

Pois os déspotas devoram  
vidas, planos, terra e mar.  
Devoram o tempo,  
acorrentam o presente  
num passado eterno,  
represam as águas do futuro.

Amanhã há de ser outro dia...  
Haverá um amanhã?  
O silêncio pelo medo  
vida segue pesada, triste e vazia.  
Vida vira sobrevida, ferida.

Mas toda tempestade  
Cede, termina  
E quando o sol rompe as nuvens,  
Tudo alivia,  
O futuro tarda, mas chega  
A luz aquece o corpo,  
o calor humano torna-se  
um sorriso no rosto.

# REVIRA



# VOLTA

# REVIRA

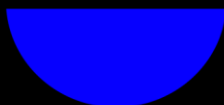
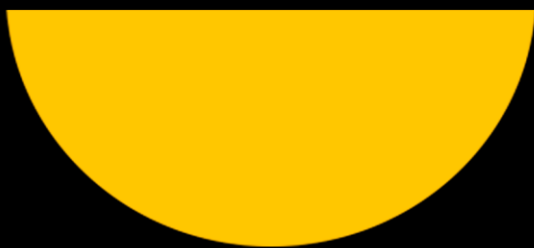


# VOLTA



REVIRA

VOLTA



**Reviravolta** é uma antologia poética que reúne 21 poemas de diferentes autores, cuja lírica está imbuída do espírito de resistência e transformação social. Concebido como um instrumento de luta simbólica contra o autoritarismo, fanatismo, preconceito, racismo e ódio de classe, a premissa básica do livro é que o combate cotidiano por um mundo melhor torna necessário construir e povoar de novas ideias esse mundo que queremos construir. O volume se propõe a isso: ser um espaço onde a mudança se desvela, um vislumbre da mudança social que o Brasil precisa. Um espaço para construir-sonhar um Brasil sem fome, sem desigualdade social, sem exploração, sem racismo, sem machismo, sem homofobia ou qualquer forma de discriminação e preconceito.

